



## **ABRIR OU FECHAR AS JANELAS: A MULHER ENTRE A LOUCURA E A SANTIDADE NO POEMA A SERENATA, DE ADÉLIA PRADO**

Jailma da Costa Ferreira (1); Fernanda Karyne Oliveira (2); Maria Ismênia Lima (3)

*Universidade Estadual da Paraíba*

*jailma.jdf@gmail.com (1); fernandakoliveira@gmail.com (2); ismenialima302@hotmail.com (3)*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo problematizar o papel social da mulher na sociedade do século XX, evidenciando como os costumes e valores dessa época tendem a prevalecer na contemporaneidade. A discussão, aqui empreitada, parte da leitura do poema *A serenata*, da escritora mineira Adélia Prado. A análise do poema permitirá refletir acerca do casamento como pressuposto essencial para a realização pessoal da mulher, uma vez que a voz poética exprime sua angústia diante da espera da serenata de seu amado. Sua angústia está centrada, sobretudo, no medo desse homem demorar a vir e quando chegar não encontrá-la mais jovem. Haja vista que, na sociedade burguesa, o costume era que as mulheres casassem no apogeu da juventude. A mulher esteve sempre submetida aos padrões de beleza, tendo que ser bela e jovem para que assim pudesse casar, afinal, o matrimônio era o único objetivo e a única meta das mulheres burguesas na sociedade patriarcalista. Para fins de estudo e análise, recorrer-se-á às contribuições teóricas de Machado (2010), Telles (2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Mulher. Casamento. Sociedade patriarcal.

### **Introdução**

Por muito tempo, o casamento foi o principal objetivo das mulheres na sociedade dos séculos XIX e XX. Desde a adolescência, as meninas eram treinadas para casar, aprendendo desde cedo os ofícios da vida doméstica. Contudo, aquelas que não arranjavam casamento na juventude, logo se desesperavam com medo de ficar solteiras, como poderá ser visto no poema *A serenata*, de Adélia Prado.

Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis (MG), em 13 de dezembro de 1935, escritora de prosa e poesia, teve seu primeiro livro de poemas, **Bagagem**, publicado em 1975, sendo este uma de suas principais obras. A poética adeliana compreende temáticas simples, que falam do dia-a-dia, do cotidiano, da mulher enquanto dona de casa, mãe e esposa.

Contudo, a lírica de Adélia reúne também outros temas, como a religiosidade e o erotismo. Ao reunir vários temas em um mesmo poema, a escritora mineira interliga fatos que parecem completamente desconectados entre si. Isso requer do leitor uma atenção maior e uma habilidade de raciocínio que consiga acompanhar as lembranças da poeta em tempos e fatos distintos expressos num mesmo poema.

A escrita literária foi, para muitas mulheres, um meio pelo qual puderam expressar seus sentimentos, seus desejos, seus sonhos, seus sofrimentos, suas lutas, suas conquistas, etc. Através da poesia, muitas escritoras puderam se revelar, afinal, o texto literário dava-lhes liberdade de expressão. Contudo, conquistar espaço no cenário poético não foi tarefa fácil.

A poesia lírica que não a mera exposição de sentimentos adequados exigia um eu confessional forte, difícil para as mulheres sujeitas às definições culturais da época. Não podiam se expressar quando lhes era dito que deveriam se autossacrificarem pelos outros, que não deveriam fazer afirmações, deveriam se restringir a sugestões alheias [...]. Entonações femininas deveriam expressar surpresa, submissão, incerteza, busca de informações ou entusiasmo ingênuo. Uma mulher que falasse agressivamente ou afirmativamente, o que nos homens era sinal de personalidade, era considerada mal-educada, tresloucada e até histérica (TELLES, 2010, p. 423).

Entretanto, a escrita de Adélia já situada no século XX, embora fale da figura feminina a partir do cotidiano, da vida doméstica, a autora contextualiza eroticamente os espaços e as atividades do lar, próprios da mulher oitocentista. Portanto, a poeta rompe com os tabus impostos à escrita feminina ao atrelar em seus textos a figura da mulher do lar a sentimentos eróticos e a desejos sexuais. Adélia desvela em seus poemas que a mulher do lar não é assexuada, como quis mascarar a sociedade patriarcalista.

Contudo, a escrita adeliana não rompe totalmente com o modelo familiar burguês, pois em seus poemas ainda é muito recorrente valores impostos às mulheres da sociedade oitocentista. Como se poderá ler no poema *A serenata*, no qual a grande problemática vivida pelo eu poético está centrada na grande indagação: virar doida ou santa. Tanto a loucura como a santidade estão para a vida solitária vividas pelo eu lírico, pois, a solidão causa-lhe desespero. Tomada pelo desejo de casar-se, ela receia que seu amor não chegue ou que demore a chegar e a encontre velha.

Dessa forma, a poeta atualiza em seu texto o perfil da mulher que anseia por casamento, que preocupa-se em ficar sozinha, em perder a juventude, a beleza, haja vista que esses eram alguns dos requisitos para a mulher ser bem vista na sociedade. Uma vez que não se casava ou que perdia a beleza, era considerada ainda mais inútil, em uma sociedade predominantemente machista, a qual via a mulher apenas como um objeto de satisfazer desejos e de procriar.

## **Metodologia**

A perspectiva metodológica que norteia a produção deste trabalho caracteriza-se como qualitativa, quanto à abordagem, e bibliográfica, quanto ao procedimento. Buscar-se-á analisar a

representação feminina no poema *A serenata*, de Adélia Prado. Tendo em vista o texto literário como meio de estudo para compreender o caminho traçado pela mulher que vive (ou viveu) sob os moldes e o sistema da sociedade patriarcal, a qual concebia o matrimônio como fator essencial e indispensável à vida das mulheres.

Contudo, é importante lembrar que o texto literário admite diversas interpretações, dando margem para a construção de diversos significados, de acordo com os aspectos sociais, culturais e históricos do leitor. Entretanto, neste trabalho optou-se pela leitura do desejo do casamento como condição necessária à mulher que foi educada segundo os valores do patriarcado.

## Resultados e Discussão

A imagem da mulher, que Adélia configura no poema *A serenata*, do livro **Bagagem**, é aquela que, como o título já sugere, está à espera de seu homem, de seu amor, de seu príncipe encantado. Os versos do poema vão aos poucos revelando os sentimentos inquietantes que estão no íntimo dessa mulher, sobretudo o de envelhecer sem que o amor de sua vida tenha chegado. O próprio título do poema já é bem sugestivo, pois ao se falar em serenata, logo vem a mente um homem apaixonado, que vai à janela de sua amada para revelar-lhe seu amor.

Portanto, pode-se dizer que o poema, de alguma maneira, reafirma aquilo que por muito tempo acreditou-se: a mulher deve casar-se, construir sua família, não é bom que fique solteira, sozinha no mundo. Pois, o casamento era uma forma de dignificar e edificar a mulher. Para que fosse bem vista pela sociedade, cabia-lhe apenas as tarefas do lar, ser esposa e mãe.

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal* (TELLES, 2010, p. 403).

Essa cultura perdurou por muito tempo, a grande preocupação das mulheres era o casamento, aquelas que não eram casadas preocupavam-se em arranjar e as que já eram casadas deviam preocupar-se exclusivamente com sua casa, seu marido e seus filhos. As mulheres tinham uma preocupação exacerbada em casar-se, como pode ser visto no poema adeliiano, a voz poética estando na fase adulta, mostra-se preocupada com a chegada de um possível amor. Uma de suas preocupações está centrada em saber se ele virá ou não encontrá-la. Outra preocupação que também



está em evidência é, se ele vier, como irá encontrá-la (?). Outro conflito instaurado é a indecisão em saber se abre ou não a janela quando esse amor chegar.

Como se ler abaixo:

1. Uma noite de lua pálida e gerânios,
2. Ele viria com boca e mão incríveis
3. Tocar flauta no jardim.
4. Estou no começo do meu desespero
5. e só vejo dois caminhos: ou viro doida ou santa.
6. Eu que rejeito e expubro
7. o que não for natural como sangue e veias.
8. Descubro que estou chorando todo dia,
9. Os cabelos entristecidos,
10. A pele assaltada de indecisão.
11. Quando ele vier, e é certo que vem,
12. de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
13. A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
14. Só a mulher, entre as coisas, envelhece.
15. De que modo vou abrir a janela,
16. se não for doida?
17. E como a fecharei, se não for santa?

Os primeiros versos do poema retratam o pensamento de uma mulher que aguarda por uma serenata em sua janela. O aguardo por essa serenata é bastante simbólico, é a própria espera de um namorado, o ato de cantar/tocar é um modo de chamar alguém à janela e a intenção desse chamamento não significa apenas que a mulher deve se debruçar na janela para ouvir o canto de seu enamorado, mas também significa o chamamento para um relacionamento, já que as serenatas eram feitas, geralmente, quando se tinha a pretensão de conquistar alguém.

É interessante refletir sobre esse chamamento na janela, que também é um chamado para fora do seu mundo particular, para fora de si mesmo. A partir do momento em que a mulher atende esse chamado, ela também se abre a novas possibilidades de um relacionamento a dois. De acordo com Machado (2010, p. 312): “Tornando-se janelleiras, as jovens namoravam quem queriam, tramavam fugas com os amados, ganhavam forças e astúcias para resistir às imposições paternas.”

Contudo, diante da possibilidade de uma espera frustrada pela ausência, a voz poética desesperada clama que para ela restará apenas dois caminhos: virar doida de tanto aguardar, criar expectativas pela chegada de alguém que ela não sabe nem se existe, e se frustrar caso ele não venha. Ou então, virar santa, padecendo por essa espera que vá aos poucos sacrificando-a. O “virar santa” pode também ser associado a pureza, a virgindade, uma vez que ela não case, estará resguardada, simbolicamente representado pelo fechamento da janela.



No sexto e sétimo versos, percebe-se que há uma certa preocupação da mulher diante dos sentimentos e desejos que ela está experimentando. Sentir esses desejos estava fora do comum, logo ela que censurava tudo aquilo que fugia do natural. Do oitavo ao décimo verso o conflito interior vivido por essa mulher torna-se ainda mais evidente. Pois, ao mesmo tempo em que ela está confusa em relação aos desejos e sentimentos que estão se proliferando em seu interior, ela também se preocupa com o tempo que está passando e conseqüentemente mudando sua feição.

O choro, do qual fala a voz poética, não significa somente as lágrimas que correm no seu rosto ao pensar na possibilidade de não chegar ninguém antes que sua juventude passe, mas também sugere a própria face chorosa que fica toda enrugada, o enrugamento por sua vez lembra a velhice. Essa ideia se complementa no verso seguinte, ao se falar dos “cabelos entristecidos” (v. 9), fazendo lembrar os cabelos grisalhos. E, por fim, ao se falar da “*pele assaltada de indecisão*” (v. 10), não se pode imaginar um rosto sereno, tranquilo, mas sim um rosto tomado pela preocupação, configurando assim um rosto desarrumado, desfigurado, o que dificilmente fará lembrar de um rosto jovem.

No décimo primeiro verso, a voz poética afirma com certeza que ele – o amor por quem espera – virá. Portanto, a preocupação da mulher, problematizada nos versos anteriores, irá se confirmar no verso que segue: “*de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?*” (v. 12). Sua preocupação, não se limita a encontrar ou não um homem, mas sim em como ela vai estar para ele. Vê-se aqui o cuidado da mulher em agradar o outro, o que a torna, muitas vezes, um objeto feito para satisfazer os desejos e expectativas de outrem.

Por estar na origem da sociedade humana, como objeto de troca simbólica, a mulher ocupa o lugar do corte, da separação, do que faz furo no saber instituído. Dentro da teorização psicanalítica, ela é o que vem demarcar a diferença; a mulher é sempre o Outro sexo (TOMAZ, 2001, p. 79).

Uma vez que a mulher é considerada essa marca de diferenciação entre feminino e masculino, considerando-a como um objeto de troca, espera-se dela uma postura de submissão. A mulher estará sempre buscando no outro, ou seja, no masculino, a resposta para seus anseios. Pois, como afirma Lacan (1998, p.301), “o que busco na fala é a resposta do outro.” A mulher é, dessa forma, o objeto de sedução, é aquela que busca seduzir o ser masculino, para assim obter retorno à realização de seus desejos. Portanto, é dever da mulher cuidar de si, de sua aparência estética, para assim atrair, seduzir e conquistar o homem.



O eu poético, ao atentar para o fato de só a mulher envelhece, deixa margem para uma reflexão acerca dos preconceitos que a mulher enfrenta diante dos padrões sociais de moda. Esses “padrões” idealizam que a mulher deva está sempre com a aparência jovem, bem vestida, ser magra, preferencialmente ter cabelos lisos, longos e loiros. Então, cabe somente a ela preocupar-se em ter uma exímia aparência para que assim possa casar-se, sendo esse último seu objetivo primordial.

Já nos últimos versos, a partir do décimo quinto, mais uma vez o eu poético problematiza a questão de abrir ou não a janela, pois segundo o texto, se optar por abrir, seu comportamento será o de uma doida, se não abrir será de uma santa. Eis, pois, um outro dilema: ser doida ou santa?

É importante atentar para os motivos que a leva a ser santa ou doida, mas também pensar por um viés em que a loucura pode representar a liberdade, uma vez que a insanidade mental libera o subconsciente. A loucura é, assim, um estado de permissão e perdão, ao louco tudo é perdoado e até aquilo que ele não deveria fazer é permitido, no sentido de que ao louco não se pode julgar, cobrar, e/ou culpar, tudo recai em cima de sua insanidade mental. Dessa forma, o louco “pode” fazer tudo que deseja, sem que seja punido. A santidade, por sua vez, pode representar aprisionamento, repreensão, pois ela limita o ser humano num regime de regras e renúncias, impedindo-o, assim, de realizar seus desejos mais secretos, ‘insanos’ e ‘imorais’. É preciso viver num estado de plena renúncia e pureza, para que se possa alcançar os moldes da santidade.

A mulher da poesia adeliana encontra-se diante dessa dualidade, viver a santidade ou a insanidade. É interessante perceber como o ser santo aponta para a vida solteira – em casa, ao lado dos pais –; e a vida a dois – namoro, casamento –, aponta para o ser insano. Remontando a imagem do casamento à vida sexual e a vida de solteiro ao ser virginal, o eu poético sugere que na sexualidade está as impurezas e conservando-se virgem a mulher está a salvo, pura e santa.

Esse, portanto, é um discurso bastante tradicionalista e até mesmo machista, em que a mulher deve-se guardar virgem para o matrimônio. Nesse contexto, o sexo é ainda visto como algo imoral e que a mulher deve se guardar da imoralidade para assim viver a santidade, a espera daquele que será seu esposo.

No entanto, a mulher da poesia não parece está disposta a viver essa santidade, há nela o desejo de abrir a janela e permitir-se viver o que há do lado de fora do espaço doméstico. Mas, conforme Del Priore (2006), não era costume que a mulher se oferecesse, nem que agisse por si, esperava ser descoberta pelo amado. Talvez, isso justifique o duelo que marca a mulher da poesia de Adélia: abrir ou fechar a janela; ser doida ou ser santa. Esperar que seu amor chegasse correndo o risco de ficar doida de tanto esperar, ou de conquistar esse amor e vivê-lo conforme os moldes da

família patriarcal. Não esperar e perder a santidade, a pureza, sendo considerada louca pela sociedade.

Del Priore (2006) lembra que a opinião da sociedade a respeito do namoro das moças tinha grande importância, tanto quanto, ou até mais que, a opinião dos enamorados. O namoro nem deveria tardar demais, nem tampouco precipitar-se, pois, em ambas as situações, a reputação da moça estava em jogo. É verdade que a sociedade contemporânea já avançou muito nesse sentido, mas não se pode deixar de negar que ainda há muitos duelos enfrentados pela mulher na contemporaneidade, que muitas vezes é vítima de preconceitos, sendo julgada por uma sociedade sexista, que ainda vê a mulher como o segundo sexo e que quer estabelecer normas nas quais essa mulher deva se enquadrar.

## Conclusões

Ao problematizar a decisão da mulher entre ser santa ou doida, entre sair de casa ou permanece nela, Adélia postula uma discussão acerca dos discursos que ainda predominam na sociedade. Contribuindo, assim, para que homens e mulheres repensem suas maneiras de conceber o ser feminino na sociedade moderna e contemporânea. Pois, muitas ainda estão presas ao modelo do patriarcado, presas em casa, esperando que seu amado surja para lhes resgatar.

A mulher da poesia adeliana angustia-se diante da possibilidade desse amor não chegar, portanto, é contundente afirmar ela enxerga o casamento como um meio pelo qual poderá se libertar da casa paterna, sem saber, talvez, que continuará sob o domínio do poder masculino.

Na sociedade contemporânea essa situação tem se modificado lentamente, ainda há muito que mudar. A mulher continua sendo, em muitas situações, marginalizada, vítima de preconceitos, violência e exclusão. Entretanto, não se pode negar que ela já tem mais liberdade sobre si, liberdade de escolha e decisão, participa ativamente não só da vida privada familiar, mas também da vida social. Não depende mais do casamento para sair de casa ou para ser feliz, há outras possibilidades, há outros caminhos por onde pode enveredar a fim de conquistar seus objetivos e construir sua felicidade. O casamento, portanto não é um fim em si mesmo, não é o único caminho, mas apenas mais uma possibilidade que a mulher pode ou não optar.

## Referências

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2ª ed. São Paulo : Contexto, 2006.



MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tinta negra bazar editorial, 2010.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 401-442.

TOMAZ, Jerzúí Mendes Tôrres. O enigma do feminino. In: LIMA, Nadia Regina Loureiro de Barros (Org.). **O feminino na psicanálise**. Maceió: Edufal, 2001, p. 79-92.

